

O ESTUDO DE NOMES PRÓPRIOS DE NIPO-BRASILEIROS: GERAÇÃO ISSEI E GERAÇÃO NISSEI¹

Rosângela Martins Nabão

RESUMO: *O presente artigo tem como objetivo mostrar um estudo sobre os nomes próprios de nipo-brasileiros de Terra Roxa e apresenta alguns resultados da pesquisa etnográfica social: os imigrantes japoneses e os nisseis mais velhos que não possuíam, em seu registro de nascimento ou em sua carteira de identidade, um nome em língua portuguesa, mas aceitaram e, ou, procuraram um nome “brasileiro” para, através deste nome, serem reconhecidos socialmente no Brasil e, alguns, também nisseis, mas mais novos, nascidos a partir de 1940, receberam duas designações de nome registrados oficialmente: um pré-nome em português e um nome que atesta sua origem étnica.*

PALAVRAS-CHAVE: *nomes japoneses, etnografia social, contexto multilíngüe.*

ABSTRACT: This article aims to show a study about proper names of nippon-Brazilians from Terra Roxa and presents results of a social ethnographic research about Japanese immigrants and older *nisseis* who they did not have in either their birth certificate or identify card, a name in the Portuguese language because of that they accepted or looked for a “Brazilian” name so that they could be socially recognized in Brazil and, some, also *nisseis*, but younger, born as of 1940, were officially registered by receiving two designations of names: the first in Portuguese and the second name in the Japanese language.

KEYWORDS: *Japanese names, social ethnography, multilingual context.*

INTRODUÇÃO

A linguagem faz parte do ser humano e é usada como meio de comunicação e de integração social do falante ao seu grupo social e à sociedade como um todo. A linguagem que pode unir pessoas, também pode separá-las, sendo assim, como se comportam pessoas sobre um mesmo espaço geográfico, mas que possuem línguas tão diferentes, como o português do Brasil e a língua japonesa?

Segundo Handa “quando vieram ao Brasil, os imigrantes japoneses visavam ir atrás da árvore de dinheiro para depois retornar ricos ao Japão” (1987, p. 9). Mas o retorno não se concretizou. No Brasil constituíram

¹ Este artigo faz parte de um projeto mais amplo: a dissertação de mestrado defendida em dezembro de 2006, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná, sob a orientação de Clarice Nadir von Borstel, no Programa de Mestrado *Stricto Sensu* em Letras da Unioeste.

família e, então, nasceram as gerações *nissei* (o elemento prefixal *-ni* significa *segunda* e *sei* vem a ser *geração*), *sansei* (provém de *-san*, que significa a *terceira* geração: netos de imigrantes japoneses), *yonsei* e *gosei* (respectivamente quarta e quinta gerações)². De uma forma conjunta, são chamados nipo-brasileiros.

Atualmente, o Brasil ainda é o país que possui a maior expressão demográfica de etno-descendentes fora do Japão e o estado do Paraná “possui o maior continente de imigrantes japoneses e seus descendentes, é o segundo dentro do espaço geográfico brasileiro” (OGUIDO, 1988, p. 53) e, no ano de 2008 estarão sendo completados cem anos desde que “os primeiros imigrantes japoneses chegaram no porto de Santos, São Paulo, no navio *Kasato-Marú*” (ACBJP, 2006, p. 45).

Com base no exposto, este texto apresenta um estudo etnográfico social sobre a comunidade de nipo-brasileiros e uma reflexão sobre os nomes desses entrevistados em Terra Roxa, Paraná.

ESTUDOS ETNOGRÁFICOS DOS NIPO-BRASILEIROS EM TERRA ROXA

A pesquisa da qual resultou este trabalho foi realizada nesta comunidade, um município considerado de pequeno porte, com um total aproximado de 17.000 habitantes. Os nipo-brasileiros se destacam, não porque representem um grande percentual demográfico, mas porque é o grupo étnico mais representativo, estando presente desde a colonização do Município, iniciada no ano de 1955.

Por se tratar de uma pesquisa sociolingüística e etnográfica social, houve o registro do corpus da pesquisa referindo-se ao resgate histórico deste grupo étnico no Município, como também houve a anotação de seus pré-nomes, nome do meio e sobrenome e o incentivo para explicações sobre origens, causas e critérios que levaram à escolha do nome próprio dos entrevistados. Mas o que se estabelecem nestas informações como verdadeiras? Jovchelovitch e Bauer citam que “a resposta está totalmente a cargo do pesquisador, que tenta tanto apresentar a narrativa com máxima fidelidade, como organizar informações adicionais de fontes diferentes, para cotejar com material secundário e revisar a literatura ou documentação sobre o acontecimento a ser investigado” (2002, p. 110).

Os procedimentos metodológicos estão sustentados na Sociolingüística Interpretativa (Gumperz, 1982). O *roteiro de entrevistas* e a *narrativa biográfica* foram os instrumentos selecionados para a investigação.

2 Os nomes *issei*, *nissei*, *sansei*, são, segundo Nawa, aceitos e reconhecidos pelos membros da própria comunidade japonesa no Brasil e no exterior (1988, p. 13). Oguido (1988) também os cita e acrescenta as informações a respeito da quarta geração e da quinta.

O roteiro de entrevistas é utilizado como um modelo de apoio, buscando equitativamente direcionar as perguntas para todos os entrevistados. A narrativa biográfica, especialmente com os *isseis*, transporta para uma época distante – a da imigração –, em que sonhos, expectativas, frustrações, aceitação e dificuldades no país que escolheram para viver são lembradas. A biografia étnica/cultural obedece ao fluxo da memória e, às vezes, é entrecortado por saudosismo, silêncio, choro, nervosismo, dificuldade de expressão.

André aponta os seguintes princípios da pesquisa etnográfica:

- a) interação constante entre o pesquisador e o objeto pesquisado;
- b) o pesquisador é o instrumento principal na coleta e na análise dos dados;
- c) ênfase no processo, naquilo que está ocorrendo e não no produto ou nos resultados finais;
- d) preocupação com o significado, com a maneira própria com que as pessoas vêem a si mesmas e o mundo que as cerca;
- e) trabalho de campo: os eventos, as pessoas, as situações são observados em sua manifestação natural;
- f) descrição: situações, pessoas, ambientes, depoimentos, diálogos;
- g) indução: busca e formulação de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não-testagem (2004, p. 28-30).

Uma pesquisa de cunho etnográfico social demanda conhecimento prévio, respeito, tempo, convivência, organização de fatos, aceitação da pessoa do outro e, ainda, empatia entre entrevistador e grupo entrevistado, pois o entrevistador não pode simplesmente querer entrevistar, é preciso ser aceito e para a entrevista fluir é necessário saber pontuar o diálogo, trazer ao assunto o objetivo do estudo.

O enfoque principal desta pesquisa é o registro e o estudo de nomes próprios da geração de *isseis*, da geração de *nisseis* e da geração de *sanseis* do Município, discutindo e refletindo intersecções línguo-culturais neste sistema onomástico dentro do espaço enunciativo da língua portuguesa do Brasil. Segundo Oliver “em território brasileiro, o registro civil de pessoas naturais é regido pela *Lei Federal de Registros Públicos nº 6015, de 1973* e, ao ser registrado, o ser humano obtém direito e deveres, pois perante a lei ganha o estatuto de ser cidadão” (2005, p. 8) e, conforme Silva, “no Brasil, a designação personativa corresponde ao nome civil. É o nome completo da pessoa, iniciando pelo prenome e finalizando pelo último nome apostro” (2004)³.

³ Disponível em <www.espacovital.com.br/sentenca11032005.htm>. Acesso em 20 julho 2006.

O estudo de nomes próprios de nipo-brasileiros é especialmente interessante e importante porque a construção de seus nomes personativos está dividida entre dois sistemas de usos lingüísticos: o brasileiro e o japonês e porque o enunciado personativo evidencia fatos e necessidades de grupos humanos que se revelam e/ou são revelados em seus traços lingüísticos e culturais.

É conveniente lembrar que, neste atual trabalho, por falta de espaço, a apresentação se restringirá aos nomes e pré-nomes obtidos junto à primeira geração e à segunda geração e, estarão sistematizados em forma de duas tabelas para melhor visualização dos dados.

Assim, a Tabela 1, referindo-se à primeira e à segunda geração, expõe informações sobre: nome, ano de nascimento, nacionalidade, como é/era mais conhecido; e, se o nome em português está/estava documentado oficialmente; logo a seguir, a Tabela 2 reúne esses dados, tabulando-os. O objetivo específico é verificar se há registro em cartório de nomes brasileiros, quantos receberam um nome em português e, como são referidos em família e na comunidade social.

NOMES “BRASILEIROS”: DA PRIMEIRA E DA SEGUNDA GERAÇÃO

Com base na Tabela 1 estão relacionados nomes da primeira e da segunda geração, exclusivamente coletados durante a pesquisa de campo. De alguns nomes a informação foi dada por familiares do portador do nome. O período aqui registrado compreende desde 1928 até 1973 porque é neste intervalo de anos, que está temporalmente situada a data de nascimento do grupo de imigrantes, *isseis*, e os primeiros nascidos no Brasil, *nisseis*, relacionados na pesquisa. Convém salientar que há entrevistados *isseis* com a mesma idade de entrevistados *nisseis*, o que se explica pelo fato de que algumas famílias vieram para o Brasil logo no início da imigração, e outras famílias saíram do Japão posteriormente, vindo como donos de terra, pois, segundo relato de S.M. e de T.M.: “o Japão comprara terras no Brasil e doara dez alqueires para cada família que viesse tomar posse delas no Brasil”.

TABELA 1: NOMES “BRASILEIROS” DA GERAÇÃO ISSEI E DA GERAÇÃO NISSEI

Nº Nome	Ano de nascimento	Nacionalidade	Como é mais conhecido	Como os pais o (a) chamam	O nome está no registro de nascimento	Observação
1 Alcides	1960	B	Np	Nj	S	Comerciante
2 Alzira	1934	B	Nj	∅	N	Falecida
3 Ana	1954	B	Np	Nj	S	
4 Andréia Aparecida	1972	B	Np	Np	S	Só em port.
5 Carmem	1938	J	Nj	Nj	N	
6 Cecília	1931	J	Np	∅	N	Comerciante
7 Cecília	1932	B	Nj	∅	N	
8 Celina	1939	B	Nj	Nj	N	
9 Elisa	1959	J	Np	Nj	N	
10 Emília	1963	B	Np	Nj	S	
11 Estéfano	1965	B	Nj	Nj	S	
12 Flávio	1968	B	Np	Np	S	
13 Francisco, Chico	1929	J	Np	∅	N	Comerciante
14 Guilherme	1929	B	Np	∅	N	Falecido Comerciante
15 Helena	1936	B	Np	∅	N	Comerciante
16 Irina	1951	B	Nj	Nj	S	Em japonês: Erina * **
17 Jiro	1937	B	Np	Nj	S	**
18 João	1936	B	Np	∅	N	Comerciante
19 Julio	1950	B	Np	Nj	S	
20 Justino	1936	B	Np	Nj	S	**
21 Lídia	1962	B	Np	Nj	N	Comerciante
22 Luís	1958	B	Np	Nj	S	Comerciante
23 Maria	1931	J	Nj	∅	N	
24 Maria Ignes	1929	J	Np [Maria]	∅	N	Comerciante
25 Mário1	1929	J	Nj	∅	N	
26 Mário2	1958	B	Np	Nj	S	
27 Maura	1934	J	Nj	∅	N	
28 Nelson / Pedro	1941	J	Nj	∅	N	
29 Paulo1	1931	J	Nj	∅	N	Agricultor
30 Paulo2	1972	B	Np	Nj	S	Só em port.
31 Roberto	1973	B	Np	Np	S	Só em port.
32 Roseli	1962	B	Np	Np	S	Só em port.
33 Tereza	1934	B	Np	Nj	N	***
34 Valdemar	1959	B	Np	Nj	S	Comerciante
35 Valquíria	1964	B	Np	Np	S	

Legenda: B: Brasil; J: Japão; Np: Nome em português; Nj: Nome japonês; S: Sim; N: Não; ∅: não informado;
 *: nome considerado híbrido;
 **: irmãos, nascidos na capital do Paraná.
 ***: Obaássan: /batchá/; /batjã/: como as crianças da comunidade a ela se referem (avó).

Conforme a Tabela 1 apresenta, os nomes em português nestas gerações passaram a ser registrados no ato do nascimento a partir de 1937⁴,

4 O nome destes irmãos foram assinalados com “***”.

mas este é um caso isolado, pois o nomeado foi registrado na capital, do Estado do Paraná, em Curitiba. Segundo entrevistados, o processo de não-registro de nomes estrangeiros era mais rígido nas capitais e cidades maiores, pois marca o período de nacionalização estabelecido pelo governo de Getúlio Vargas (1937-1945). Mas quanto aos nomes *Justino, Jiro, Irina*, tidos como “brasileiros”, também são veladamente nomes japoneses, pois, pela sonoridade que possuem, remetem a respectivos ideogramas, que, mesmo não interpretados agora, naquele momento da nomeação, teve seu valor significativo, visto que a mãe, uma senhora hoje com 94 anos, fala fluentemente a língua japonesa e conserva a tradição escrita da língua, como pôde ser averiguado durante a entrevista, que foi entrecortada pela fala em língua japonesa.

Um outro fato a ser considerado é que entre os entrevistados, sejam da geração *issei* ou *nissei*, nascidos em anos diversificados: 1929, 1931, 1936, 1958, 1959, 1958 e 1960, todos informaram serem mais conhecidos pelo nome português, por isso “comerciante” está indicado na observação, pois, a profissão pode ser o dado significativo que os levou a serem conhecidos pelo nome que culturalmente, naquele momento, melhor se adequava à interação verbal.

TABELA 2: INFORMANTES POR PERÍODO DE ANOS E COMO SÃO CHAMADOS, GERAÇÃO ISSEI E NISSEI

Nº.	Período	Nacionalidade		Conhecido como		Chamado pelos pais			Registro de nascimento		Nº. de Pessoas Total
		J	B	Nj	Np	Nj	Np	Ø	S	N	
1	Até 1930	03	01	01	03	-	-	04	-	04	04
2	1931 a 1940	05	08	07	06	05	-	08	02	11	13
3	1941 a 1950	01	01	01	01	01	-	01	01	01	02
4	1951 a 1960	01	06	01	06	07	-	-	06	01	07
5	1961 a 1973	-	09	01	08	04	05	-	08	01	09
	Subtotal	10	25	11	24	17	05	13	17	18	35

Legenda: B: J: Nascidos no Japão, B: nascidos no Brasil; Np: Nome em português; Nj: Nome japonês; S: Sim, o nome “brasileiro” consta no registro de nascimento; N: Não, o nome “brasileiro” não consta no registro de nascimento; Ø: não informado, pois os avós são falecidos ou não moram aqui.

Dos entrevistados nascidos no período de 1931 a 1940, oito deles, ou seja, 61,53%, foram nascidos no Brasil e cinco entre estes entrevistados, 38,46%, nasceram no Japão, mas entre todos (100%), somente dois deles declararam que tinham o nome português no registro de nascimento, representando que somente 15,38% tinham o nome no registro de

nascimento contra 84,61% que eram os que não os tinham, predominando a escolha social pelo nome japonês. Mas, na geração de 1951 a 1960, com exceção de uma pessoa, todos os outros já são nascidos no Brasil, sendo que estas pessoas já tinham o nome português oficialmente registrado, e verifica-se que o nome português se sobressai com 85,71% sobre o nome japonês quanto ao reconhecimento social, e um outro fato registrado é que os pais são os mantenedores da cultura, continuando a optar pelo nome japonês ao se dirigirem aos filhos. Os grupos de 1931 a 1940 e de 1961 a 1973 são numericamente semelhantes quanto aos nascidos no Brasil: respectivamente nove e oito *nisseis*, mas mesmo pertencentes à segunda geração, o espaço temporal é diferente e a tabela demonstra que o uso do nome japonês vai decaindo significativamente no convívio social, apontando que 53,84% dos *nisseis* entrevistados da faixa de 1931 a 1940 optavam pela denominação japonesa, mas comparativamente à faixa de nascidos entre os anos 1961 a 1973, revelou que o conhecimento social pelo nome japonês cai para 11,11%. Por outro lado, parece haver uma adaptação ou desejo de adaptação da parte dos pais desta mais nova geração *nissei*, que, conforme os números demonstraram mais da metade dos pais preferiram chamar os filhos pelo nome português.

Como também comprovou a Tabela 2, um dado é que, mesmo tendo recebido nome português e vivendo no Brasil, as gerações de faixa etária de pessoas mais velhas continuaram sendo nomeadas socialmente pelo nome de origem japonesa, mas esta tendência vai desaparecendo na proporção que a mesma geração, ainda que sendo *nissei*, torna-se mais jovem. Mas ainda é bem significativo o número de nomes japoneses cujo nome próprio identificador preferencial é de sua origem étnica, o que comprova que, se, aos brasileiros, os nomes estrangeiros causavam estranhamento, os nomes “brasileiros” adotados, especialmente aos *isseis*, causavam, além de estranhamento, crise de identificação e, por conseguinte, de identidade. Sob este aspecto, alguns entrevistados referiram-se aos nomes que lhes foram dados, como *apelidos*, como se verifica na fala de YM: “Meu nome brasileiro é *Carmem*, mas ninguém conhece, acho que nem ele conhece [apontando para o marido]”. E o diálogo com A.T : “O nome *Nelson* é apelido, esse nome não existe, ele só existe aqui no Brasil”!, [com entonação expressiva]. Além da explicação dada, mais expressiva foi a risada pelo seu nome em português.

O relato de N.G. reitera a idéia anterior:

E= O senhor tem um nome em português?

N.G. = Tem apelido... é Joaquim [ele ri]. É um apelido que andou por aí, mas lá em Terra Roxa ninguém sabe.

5 Por exemplo, Tatsuko Yassue Hata, nascida em 1929 em Aichi-ken, Japão, adquiriu através do batistério, o nome de sua madrinha de batismo: Maria Ignes, ou seja, o nome adquirido não apresenta a origem etimológica.

E= Mas o senhor não se reconhece como *Joaquim*, se chamar o senhor de *Joaquim*, vai falar “será que é comigo”?

N.G.= As pessoas antigas me chamam de *Joaquim*, mas o certo é *Seu Nagao* mesmo.

O nome em português, afastado no tempo, causa até mesmo dúvidas e confusões, como relata R.N.:

Uma vez a minha filha Daniela – na época com 12 anos, e nós já morávamos aqui nesta casa junto com meu pai – estava em frente de casa e passou um homem já idoso, japonês, morador da cidade de São Paulo e pediu-lhe para informar onde era a casa do *Dr. Mário*. Ela respondeu que ele devia estar enganado, porque naquela rua não tinha nenhum *Dr. Mário*. Ela saiu, e quando voltou, aquele senhor estava dentro de casa e ficou sabendo que ele era nosso primo. Então o primo falou para ela: “Você disse que não conhecia nenhum *Dr. Mário*, como, se o *Dr. Mário* é o seu avô?” Ela respondeu que nunca tinha ouvido falar que o avô dela se chamasse *Mário*, que sabia que o nome dele é *Nakamura*, conhecido como *Dr. Nakamura*.

Ao que o “*Dr. Mário*”, dentista durante mais de 35 anos no Município, acrescentou: “Somente conhecidos muito antigos sabem do apelido, os outros não sabem, não dou importância”.

Na Tabela 1, a profissão *comerciante* foi registrada porque este dado cruza com nomes daqueles que, sem o nome “brasileiro” na identificação jurídica, foram assim reconhecidos por ele, demonstraram aceitá-lo melhor e a causa certamente é a *citacionalidade*, como proposta por Derrida (1991, *apud* SILVA, 2003, p. 94) e o interesse econômico, pois havia maior necessidade de interagir além de seu grupo lingüístico específico da etnia.

Na geração dos brasileiros com nome japonês, à medida que esta geração é representada por mais jovens, comparados a ela mesma, os nomes em português vão sendo os mais divulgados, ou seja, caracterizando o reconhecimento social tanto fora do grupo étnico, quanto no interior do próprio grupo, sendo que, mesmo sem o nome no registro de nascimento, alguns *nisseis* conforme os dados apresentam, escolheram um nome em português. Como cita a entrevistada M.M.:

- Por que todo mundo chama a senhora de Dona Helena?
- [Risos], é que via a alegria das festas da Igreja Católica, então perguntei para o padre o que devia fazer para ser batizada. Ele falou que precisava encontrar uma madrinha, então conversei com a professora de catequese e disse que gostava muito dela e queria que ela fosse minha madrinha e ter o seu nome.
- Então a senhora emprestou o nome da madrinha de batismo?

- É, eu não tenho o nome na carteira, é só no de batismo.
- E como a senhora prefere ser chamada?
- Os “brasileiros” sempre me chamam por Helena, e eu gosto assim.

Pela necessidade de adaptação, houve uma integração cultural e vários integrantes da etnia escolheram o nome pelo qual preferem ser chamados pelos “brasileiros”. Este foi um costume entre os nipo-brasileiros de sua faixa etária: escolher para si um nome brasileiro de batismo e ser chamado por ele. Sobre o nome designativo *Helena*, ela não soube definir o significado etimológico, mas o relato biográfico demonstrou que houve efeito de sentido positivo entre o nome da madrinha e o nome designativo de sua pessoa.

Nesta geração, o batismo e a certidão do batistério são muito utilizados, para obter socialmente um nome em língua portuguesa. O entrevistado T.M. relata neste diálogo com a entrevistadora:

- A gente chama o senhor de *João*, mas na carteira de identidade, o senhor não tem *João*, então o senhor lembra por que foi escolhido *João*?
- Porque quando nós crescemos estava todo mundo conversando, aí de vez em quando a gente ia no terço e daí falava pra gente: “você são batizados? Você não querem batizar?” Daí nos juntamos todos, os irmãos também, e fomos na Igreja. Juntou tudo lá com os padrinhos. Aí o padre falou: “Infelizmente, não dá pra batizar com esses nomes estrangeiros, tem que pôr nome brasileiro”. Na hora o padre falou: “Vou pôr pra você *João*, pra você *Vítor*, o outro *Mário* e assim por diante”.

Por sua vez, o entrevistado S.M., que é somente conhecido pelo nome japonês, assim se referiu ao próprio nome em português: “Não tem como explicar, eu estava no primário, ficou *Paulo*”; ou seja, o nome foi utilizado na escola, mas não teve a aceitação pelo identificado, ficando somente na aplicação prática, sem que fosse internalizado pela pessoa “dona” do nome.

Segundo os relatos, já os nascidos a partir de 1942 quando, segundo os relatos, “os cartórios não registravam nomes estrangeiros, especialmente nas capitais” (T.M., Se.M., F.K., A.K., I.K., M.N.), então os descendentes brasileiros passaram a ter nome composto por pré-nome em português, nome em japonês e o sobrenome paterno. Houve momentos em que, certamente, apesar das forças coercitivas da sociedade brasileira, que agia em nome de um nacionalismo, impedindo o registro de nomes estrangeiros, os filhos dos imigrantes tentaram encontrar meios de conservar a cultura onomástica, como, quando o pai (falecido em 1993) registrou a filha, nascida em 1951, com o nome de *Irina*; a observação de Ta.H.: “Eu não sei o que significa *Irina*, foi meu marido quem escolheu né?”

Ele não falou nada pra mim. Nunca vi outra pessoa com o nome de *Irina* até hoje”. Segundo a mãe, *Irina* mora atualmente no Japão, mas, consultando o dicionário de nomes japoneses, foi encontrado registrado o nome japonês *Erina*, composto por três *kanjis*, sendo que “a) *e*: enseada; b) *ri*: aldeia, vila; c) *na*: maçã vermelha” (Shindo, 2006, p. 156). Talvez o pai conhecesse os elementos significativos, mas ao registrar a filha, trocou *E* por *I*, ficando assim, a criança com o pré-nome culturalmente híbrido e com mais um nome japonês.

Um forte motivo que leva à escolha criteriosa do nome japonês é pela tradição porque culturalmente, acredita-se na influência do nome sobre seu portador, que foi registrada em diversos relatos: “É como minha mãe fala: ‘*Hatsu*: é tudo pessoa sofrida’. E é verdade todo mundo que tem esse nome *Hatsu* é pessoa sofrida. E é verdade, minha mãe sofreu, sofreu, mas hoje é uma pessoa mais feliz, eu acho” (L.H.). “Às vezes as mães colocam em seus filhos, nome muito grande, aí não consegue falar, não consegue progredir, ou ficar rico, ou alguma coisa” (S.M.). Também A.T. afirmou: “o nome japonês é mais escolhido, porque coloca esperança em criança”. A crença é que o nome atua sobre o destino da criança, de acordo com o sentido que o étimo representa, por isso a escolha se refere à expectativa dos pais para seu filho(a). Shindo explica que “em toda cultura, o ato de dar nomes é cheio de importância, por ser uma decisão com implicações definitivas. No Japão, essa relevância era ainda maior, já que vinha acompanhada da crença de que os nomes carregam a alma” (2006, p. 8).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A palavra está para a base das relações humanas, assim como a língua(gem) para a formação da sociedade. Nesse diálogo constante, por meio da interação verbal, o sujeito do discurso torna-se sujeito empírico e constrói seu mundo e vai sendo construído por ele; a pessoa constrói o nome e o nome a constrói, eles têm implicações recíprocas.

De acordo com a pesquisa etnográfica social, observou-se que os imigrantes japoneses apresentam na carteira de identidade o nome formado pelo nome japonês e pelo sobrenome de família, mas, para melhor interação com os falantes de língua portuguesa e melhor integração cultural e social, permitiam ser chamados por um nome considerado *brasileiro*⁵. Buscou-se com esta atitude um nome com o qual a população já estivesse habituada e, para não incorrer em erros, geralmente o nome era copiado de alguém conhecido, visto que o nome japonês causava estranhamento aos falantes da língua portuguesa, mas, quanto ao nome “brasileiro”, muitos dos entrevistados se referiram ao próprio nome como apelido, demonstrando assim, uma divisão na designação de seu reconhecimento: alguns *isseis* e

alguns *nisseis* procuraram uma forma para receber para si um “nome brasileiro” e outros que o receberam na escola ou porque trabalhavam no comércio, utilizaram-no de forma prática, mas não o internalizaram como seu. A pesquisa demonstrou também que entre as pessoas de nacionalidade japonesa nascidas até o ano de 1940 e entre as pessoas da geração *nissei* também nascidas até 1940 – com exceção de dois nomes: *Jiro* e *Justino*, porque foram, pela sonoridade, tabulados como nomes “brasileiros” –, todos têm somente o nome japonês no registro de nascimento, mas foram conhecidos socialmente por um nome português, ainda que na família fosse exclusiva a nominalização japonesa. Também as pessoas da geração de *isseis* e de *nisseis* nascidas desde o ano de 1941 até 1973 são conhecidas socialmente pelo seu nome “brasileiro”, apresentando, entre os nascidos no Brasil, na sua grande maioria, o nome português no registro de nascimento e, de igual forma, aqueles que não o possuíam, buscaram, através do batismo e do batistério fornecido pela Igreja Católica, um nome considerado brasileiro, demonstrando com esta ação uma busca de pertencimento cultural pacífico e ordenado.

“O mito do Brasil como um país monolíngüe” (CAVALCANTI, 1999; SAVEDRA, 2003), deve ser revisto com o estudo das culturas lingüísticas e identitárias de minorias e de imigrantes, dando visibilidade a grupos humanos com sua interação social, as relocalizações geográficas e a recriação temporal. Nesse cenário, é necessário perceber que dar um nome a um recém-nascido em uma língua que registra e/ou marca sua origem, pode ser considerado como tentativa de preservação de seus valores étnicos, de suas identidades, de suas pluriculturas, afinal, o nome de pessoa não é algo simples, é o primeiro patrimônio sociocultural do recém-nascido.

REFERÊNCIAS

- ALIANÇA CULTURAL BRASIL-JAPÃO DO PARANÁ. *História da imigração japonesa no Paraná*. Ministério da Cultura, 2006.
- ANDRÉ, Marli Eliza D. A de. *Etnografia da prática escolar*. 11. ed. Campinas/SP: Papyrus, 2004.
- CAVALCANTI, Marilda C. Estudos sobre educação bilíngüe e escolarização em contextos de minorias lingüísticas no Brasil. *Revista D.E.L.T.A.* São Paulo. Vol.15, nº Especial, p. 385-418, 1999.
- GUMPERZ, J. J. *Discourse strategies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1982.
- HANDA, Tomoo. *O imigrante japonês: história e sua vida no Brasil*. São Paulo: T.A. Queiroz e Centro de Estudos nipo-brasileiros, 1987.
- JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2002. p. 90-113.

NAWA, Takako. *Bilingüismo e mudança de código: uma proposta de análise com os nipo-brasileiros residentes em Brasília*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília – UNB, Brasília, 1988.

OGAWA, Yoshio; SATO, Jun'ichi. *Colloquial Japanese in four Weeks*. Tokyo: Daigakusyorin, 1963. p. 274-295.

OLIVER, Nelson. *Todos os nomes do mundo: origem, significado e variantes de mais de 600 nomes próprios*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

SAVEDRA, Mônica. Política lingüística no Brasil e no Mercosul: o ensino de primeiras e segundas línguas em um bloco regional. In: _____; Jürgen Heye (orgs.). *Palavra – Revista do Programa de Pós-Graduação do Departamento de Letras*, PUC-Rio. Volume Temático n. 11. Rio de Janeiro: Trarepa, 2003. (Série Linguagem). p. 39-54.

SHINDO, Noriko. *Dicionário de nomes japoneses*. São Paulo: JBC, 2006.

SILVA, Antonio Nascimento. *Vara dos Registros públicos. Retificação de registro civil: Processo nº 00118141697, Reqte: F.E.R. Porto Alegre, 2004. Disponível em <www.espacovital.com.br/sentenca11032005.htm>. Acesso em 20 julho 2006.*

SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. 7ª. impressão. (Série Princípios).

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Colegiado do Curso de Letras — Campus de Mal. Cândido Rondon

REVISTA TRAMA

Versão eletrônica disponível na internet:

www.unioeste.br/saber